

CERRADO PRESERVADO

Festa para comemoração dos 15 anos do Jardim Botânico de Brasília inclui construção de sede administrativa, ampliação da produção de mudas e nova sinalização interna

PRESENTES DE ANIVERSÁRIO

Cristina Ávila
Da equipe do **Correio**

O CERRADO SURPREENDE SEMPRE. É GENEROSO. GENEROSIDADE TÍMIDA, DISFARÇADA EM ARIDEZ. FEIO, LEMBRA OS DIAS SECOS, TÓRRIDOS. MAS É DAS ÁGUAS QUE SOBREVIVE, ABSORVIDAS POR RAÍZES QUE PENETRAM ATÉ 30 METROS NO SUBSOLO. NASCENTES QUE ALIMENTAM PÁSSAROS, FLORES EXÓTICAS, AROEIRAS. PLANTAS MEDICINAIS QUE BROTAM AOS MILHARES. O CERRADO REVELA-SE ABUNDANTE, FÉRTIL, A QUEM SE DISPÕE A OBSERVÁ-LO.

As características do cerrado estão preservadas no Jardim Botânico de Brasília (JBB), que completou 15 anos em 8 de março e comemora o aniversário amanhã. Seus 526 hectares são cortados pelo córrego Cabeça de Veado. Águas límpidas que abastecem mais da metade dos moradores do Lago Sul. O riacho emprestava seu nome à antiga estação florestal, criada em 1960.

Essa estação era proibida à visitação. Servia para conservação ambiental e pesquisas. Transformada em Jardim Botânico, em 1985, legalmente abriu-se ao público. Em outros 4.500 hectares de área contínua, em 1992 foi criada a Estação Ecológica do Jardim Botânico.

Na realidade, as duas coisas são uma só. Não existem divisões verdadeiras, apenas expressões burocráticas que oferecem garantias legais de preservação ambiental. "O Jardim Botânico tem as principais fitofisionomias do cerrado", explica a diretora do JBB, Anajúlia Heringer Salles.

Ou seja: dentro dos 5 mil hectares, há áreas de cerradão denso, quase impenetrável, que no Distrito Federal apenas existe no Jardim Botânico e em alguns lugares de Planaltina. Tem as matas de galeria, ao longo do Cabeça de Veado e de seus afluentes, com árvores que podem chegar a 20 metros, habitadas por cipós e trepadeiras. Os campos limpos, com vegetação que raramente ultrapassa um metro.

O Jardim Botânico vem consolidando-se ao longo dos anos. O viveiro de plantas nativas ornamentais tem a parede rachada pela raiz de um jequitibá que parece ter crescido um metro a cada ano. "Eu vi essa árvore nascer", atesta José Nunes da Silva, 58 anos, funcionário da antiga estação florestal, contratado em 14 de maio de 1968. São 32 anos de trabalho. "Eu trabalhava na roça. Lá, tava meio *aperreado* e vim para Brasília. Por acaso estou aqui. Mas toda a vida gostei de plantas. Fazer canteiro, quebrar a terra, repicar mudas."

Goiano de Alvorada do Norte, há mais de três décadas, de segunda a sexta-feira, seu José chega às 8h30 no Jardim Botânico e sai às 17h30. Às vezes faz plantões nos finais de semana. "Sou feliz todo o dia. Tenho emprego, vou arrumando a vida devagarinho, e trabalho no que gosto." Ele morou 21 anos com a família dentro do Jardim Botânico. Agora, mora em São Sebastião. A

Fotos:Acácio Pinheiro



Dentro dos 5 mil hectares do Jardim Botânico, os pássaros se escondem nas matas de galeria formadas por árvores que atingem até 20 metros de altura

mulher, a filha mais velha e um irmão dele também trabalham no local, desde 1985, admitidos por concurso público.

A floresta faz parte da vida de José Nunes, parece ser extensão da roça do interior de Goiás. No Jardim Botânico ele coleta as ervas medicinais que gosta de usar para fazer chás. "Alfafa, camomila, erva cravo servem para calmante. Tomilho é tempero de carnes. Carqueja é bom pra o intesti-

no. Sabugueiro, corta a febre", explica.

Não é apenas a beleza o fundamental do acervo natural do Jardim Botânico. "A preservação é fundamental para a qualidade da água. Temos que fazer um trabalho de fiscalização eficiente e principalmente de educação", ressalta Anajúlia. Ela diz que neste ano, um dos principais focos do trabalho a ser desenvolvido no JBB será voltado aos recursos hídricos. Mas a manutenção de cór-

regos depende das matas, que dependem de pássaros, insetos. Fauna. O ecossistema precisa estar integrado para funcionar.

CONSTRUÇÃO DA SEDE

Amanhã, o governador Joaquim Roriz vai ao Jardim Botânico assinar ordem de serviço para a construção da sede administrativa, com cerca de 2 mil metros quadrados de obras. Com madeira doada pelo Ministério do Meio Ambiente e prestação de serviços de diversos órgãos do Governo do Distrito Federal, para asfaltamento de 10 mil metros quadrados de caminhos, praças para contemplação, etc..

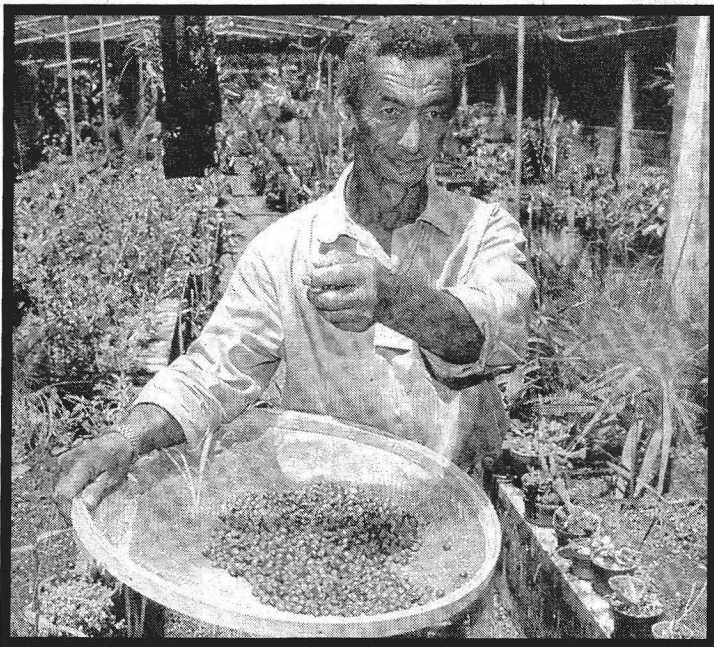
Neste aniversário, a população também será presenteada com a ampliação do viveiro que hoje produz 80 mil mudas por ano, principalmente espécies nativas. Passará a produzir 800 mil até

2002, para comercialização — que gera renda e ajuda na preservação, com a distribuição de plantas em residências ou praças públicas. O cerrado tem as espécies ornamentais, como canelas-de-ema e bromélias, reveladas ao mundo pelo paisagista Burle Marx e frutas como araca e cagaita. Sem contar as flores coloridas e exóticas.

A diretora do Jardim, Anajúlia Salles, está entusiasmada com diversos planos. Até julho, pretende inaugurar o chamado Modelo Filogenético que vai demonstrar ao vivo, em 3 hectares do Jardim Botânico, o que o botânico alemão G.L. Stebbins desenhou no papel em 1974, organizando em um círculo a evolução das plantas — das primitivas (magnólias, por exemplo) ao centro, às evoluídas (orquídeas), na periferia da esfera.

As obras do Modelo Filogenético já começaram. Serão plantadas cerca de 400 espécies vegetais de todo o planeta. Alguma coisa já está pronta, como o orquidário. Será constituído também pela casa de chá e por um lago artificial, que também estão prontos mas estão sendo reformados. "Será um jardim didático, com material para aulas de botânica, biologia, ecologia", enumera Anajúlia.

O Banco de Brasília doou R\$ 38 mil para fazer a sinalização do Jardim Botânico para identificação de espécies e para o *site* institucional que também deverá estar pronto em julho. "Vamos ter na internet os eventos promovidos pelo Jardim Botânico e informações científicas para estudantes do mundo todo", revela Anajúlia, ressaltando que existem pesquisadores do próprio JBB e de diversas universidades que utilizam o local em seu trabalho.



José Nunes da Silva é funcionário há 32 anos no Jardim Botânico, onde chegou a morar por mais de duas décadas: "Sou feliz todo dia"